

A SINGULARIZAÇÃO DA INFÂNCIA ATRAVÉS DE NARRATIVAS, MITOS E HISTÓRIAS A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Recebido em: xx/xx/xxxx

Aceito em: xx/xx/xxxx

DOI: 10.25110/akropolis.vXXiX.2024-00000



Autor Beatriz Dacanal Pereira da Silva ¹

Autor Erick Henrique Bozzano de Souza ²

Autor Isabela Marques Rocha ³

Autor Ronaldo Pereira Barboza ⁴

RESUMO: O presente artigo utilizou-se de revisão bibliográfica com o objetivo de compreender a singularização da infância a partir dos mitos e histórias. Buscou-se conhecer as narrativas culturais que envolvem esses sujeitos, sendo assim, refletiu-se sobre como os mitos e histórias moldam a identidade e a percepção das crianças no contexto social e cultural. A metodologia envolve a análise de estudos e teorias relevantes sobre o tema, com foco na influência das narrativas culturais no desenvolvimento infantil. Fundamenta-se na Teoria Histórico-Cultural, destacando-se os seguintes fundamentos/conceitos como a mediação cultural, e a importância da linguagem no desenvolvimento, e a interação social como fator essencial para o crescimento cognitivo e psicológico das crianças. A pesquisa sublinha a necessidade de considerar a diversidade cultural e a influência das práticas educativas na formação da identidade e no desenvolvimento infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Mitos; Singularização; História; Infância; Cultural.

¹ Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR (sede). E-mail: beatriz.p.silva@edu.unipar.br

² Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR (sede). E-mail: isabela.rocha@edu.unipar.br

³ Acadêmico do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR (sede). E-mail: erick.bozzano@edu.unipar.br

⁴ Psicólogo, docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR (sede). E-mail: ronaldop.barboza@prof.unipar.br

THE SINGULARIZATION OF CHILDHOOD THROUGH NARRATIVES, MYTHS, AND STORIES FROM THE PERSPECTIVE OF HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY

ABSTRACT: The present article employed a literature review to understand the uniqueness of childhood through myths and stories. It aimed to explore the cultural narratives involving these subjects, reflecting on how myths and stories shape children's identity and perception within social and cultural contexts. The methodology involves the analysis of relevant studies and theories on the topic, focusing on the influence of cultural narratives on child development. It is based on Historical-Cultural Theory, highlighting key concepts such as cultural mediation, the importance of language in development, and social interaction as an essential factor for children's cognitive and psychological growth. The research underscores the need to consider cultural diversity and the influence of educational practices in shaping identity and child development.

KEYWORDS: Myths; Singularization; History; Childhood; Cultural.

LA SINGULARIZACIÓN DE LA INFANCIA A TRAVÉS DE NARRATIVAS, MITOS E HISTORIAS DESDE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL

RESUMEN: El presente artículo empleó una revisión bibliográfica con el objetivo de comprender la singularización de la infancia a partir de los mitos y las historias. Se buscó conocer las narrativas culturales que envuelven a estos sujetos, reflexionando así sobre cómo los mitos y las historias moldean la identidad y la percepción de los niños en el contexto social y cultural. La metodología implica el análisis de estudios y teorías relevantes sobre el tema, con un enfoque en la influencia de las narrativas culturales en el desarrollo infantil. Se fundamenta en la Teoría Histórico-Cultural, destacando conceptos como la mediación cultural, la importancia del lenguaje en el desarrollo y la interacción social como factor esencial para el crecimiento cognitivo y psicológico de los niños. La investigación subraya la necesidad de considerar la diversidad cultural y la influencia de las prácticas educativas en la formación de la identidad y en el desarrollo infantil.

PALABRAS CLAVE: Mitos; Singularización; Historia; Infancia; Cultural.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica cujo objetivo é abordar a singularização da infância por meio da apropriação da criança dos mitos e histórias da cultura em que está inserida, utilizando-se de embasamento teórico da Psicologia Histórico-Cultural (PHC).

O desenvolvimento infantil é um campo de estudo que abrange diversas abordagens teóricas e metodológicas, sendo a PHC uma das correntes que tem se destacado por sua ênfase na importância das interações sociais e culturais para o desenvolvimento psicológico.

Fundada pelo russo Vigotski (1896-1934), no período pós Revolução Russa (1917-1923), na antiga União Soviética, esta teoria sustenta que o desenvolvimento humano é mediado por ferramentas culturais e linguagem, enfatizando o papel crucial da cultura e do contexto social na formação das funções psicológicas superiores.

De acordo com Zinchenko (2011), na perspectiva teórica da PHC, as narrativas culturais desempenham um papel central no processo de desenvolvimento, servindo como mediadores simbólicos que ajudam a moldar a percepção e a compreensão do mundo por parte das crianças.

As histórias, mitos e tradições transmitidas culturalmente não apenas refletem, mas também constituem, os valores e crenças de uma sociedade, influenciando diretamente o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Elas não só refletem a cultura em que são produzidas, mas também atuam como veículos de transmissão cultural, capazes de influenciar a maneira como as crianças percebem e interpretam o mundo ao seu redor. (ZINCHENKO, 2011).

Conforme os estudos de Bhabha (1994) e Butler (1990), a análise das narrativas culturais no desenvolvimento infantil, não pode se restringir à compreensão de seu papel na reprodução de padrões culturais existentes. É necessário considerar também o potencial dessas narrativas como instrumentos de transformação social. Através de uma abordagem crítica, inspirada por teorias pós-coloniais e feministas, pode-se explorar como as narrativas culturais participam de processos de resistência e subversão, questionando e redefinindo as fronteiras identitárias e as relações de poder que as sustentam. Essas teorias ampliam a compreensão do papel das narrativas culturais, sugerindo que elas podem ser usadas para desafiar estereótipos e criar novas formas de pensar e agir.

A presente pesquisa visa explorar a inter-relação entre as narrativas culturais e o desenvolvimento infantil, à luz da perspectiva PHC. Compreender como esses elementos culturais influenciam a formação da identidade e do pensamento crítico nas crianças é fundamental para o desenvolvimento de práticas educativas que respeitem e valorizem as diversidades culturais presentes na sociedade contemporânea.

2. PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E A RELAÇÃO DIALÉTICA ENTRE IDENTIDADE INDIVIDUAL E CONTEXTO CULTURAL

Conforme já dito anteriormente, a PHC teve o seu surgimento na década de 1920 na União Soviética, ela foi desenvolvida por Vigotski e seus colaboradores, Leontiev, Luria, e Elkonin, como uma resposta às limitações das teorias psicológicas predominantes na época, que negligenciaram o papel do contexto social e cultural no desenvolvimento humano, negando a ideia de que o desenvolvimento humano se dá por um processo natural e enfatizando a importância da linguagem e da interação social como motores principais do desenvolvimento. (PASQUALINI, 2009).

Luria (1902 - 1987) desenvolveu o conceito de sistemas funcionais, que descreve como diferentes áreas do cérebro trabalham em conjunto para fazer tarefas complexas, sua pesquisa foi fundamental para entender como lesões cerebrais afetam o comportamento e as funções cognitivas, contribuindo para o desenvolvimento de métodos de reabilitação cognitiva. (LURIA, 1976).

Elkonin (1904 - 1984), é conhecido por seu trabalho no desenvolvimento da psicologia educacional e sua teoria do desenvolvimento na infância. Em seus estudos, explorou como o jogo de faz de conta, serve como um meio para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, como o pensamento abstrato e a autorregulação, ele sugeriu que o jogo é uma atividade central na infância, permitindo que as crianças internalizem normas e papéis sociais através de atividades lúdicas. (PICCOLO, 2010, *apud* ELKONIN, 1978)

Leontiev (1903 - 1979), foi um psicólogo fundador da teoria da atividade, uma abordagem fundamental na psicologia soviética. Trabalhou na colaboração com Vigotski e continuou a desenvolver suas ideias após a morte dele. A teoria da atividade de Leontiev foca na interação entre o sujeito e o meio ambiente através de atividades mediadas por instrumentos culturais e sociais, (LEONTIEV, 1978).

Em colaboração com Vigotski, eles aprofundaram suas ideias, explorando como as atividades práticas, as relações sociais e os processos históricos moldam o desenvolvimento psicológico. Essas contribuições consolidaram a Teoria da Psicologia Histórico-Cultural como uma abordagem robusta e abrangente para entender o desenvolvimento humano em sua complexidade. (VIGOTSKI, 1998).

Essa teoria compreende o ser humano como um ser social cujas funções psicológicas superiores são formadas e desenvolvidas através das interações sociais e culturais. O desenvolvimento humano é visto como um processo contínuo de internalização das práticas sociais e culturais, mediado pela linguagem e outras ferramentas simbólicas. (VIGOTSKI, 2008).

Nesta teoria para a compreensão do desenvolvimento humano, é fundamental considerar o conceito de Singular-Particular-Universal. A universalidade refere-se às possibilidades construídas pelo gênero humano e que podem ser apropriadas pelo indivíduo, já a singularidade é o que distingue um ser humano dos outros, é o que o torna único na ontogênese humana, através da apropriação do universal. (SILVA, 2009)

A mesma autora discorre sobre como podemos pensar na singularidade como um produto da história das condições sociais e materiais do homem, a forma como ele se relaciona com ao seu ambiente, explicando que a particularidade constitui as mediações que determinam a singularidade, enquanto a universalidade é concretizada na singularidade. O indivíduo (singular) apropria-se do corpo inorgânico e transforma-o numa possibilidade de se desenvolver plenamente (universalidade).

De acordo com Silva (2009), cada sociedade oferece condições materiais específicas para que os seus membros possam se desenvolver e essas condições se referem à particularidade. Para exemplificar melhor o conceito Singular-Particular-Universal, (PASQUALINI, 2015, p. 367 *apud* LUKÁCS, 1967) trás um exemplo:

do diagnóstico médico. O objeto do diagnóstico é o homem individual (singular) e seu estado de saúde aqui e agora. Os conhecimentos gerais (universais) e particulares acerca da natureza fisiológica do homem, dos tipos e curso de desenvolvimento de patologias, são, nesse caso, meros meios para captar com precisão a condição singular desse indivíduo. Quanto mais precisos são os métodos de mediação, ou seja, de aplicação do universal ao caso singular, tanto mais pontual e exato poderá ser o diagnóstico. (PASQUALINI, 2015, p.367 *apud* LUKÁCS, 1967, sem paginação).

Segundo Pasqualini (2015), a compreensão da diversidade individual e cultural é fundamental para identificar aspectos compartilhados da condição humana. A universalidade, nesse contexto, não pode ser vista de forma isolada, mas sim nas

interações complexas que estabelece com as particularidades e singularidades, onde esses níveis se influenciam e transformam mutuamente.

Com um enfoque na atividade social do ser humano, a PHC oferece uma importante base teórica para entender o desenvolvimento infantil, valorizando a singularidade de cada criança e reconhecendo a importância dos mitos e histórias em cada jornada de aprendizagem. Através das narrativas, as crianças exploram valores, emoções, identidades e relações com o mundo, sendo portanto uma ferramenta fundamental para promover a imaginação, a linguagem e a compreensão cultural. (MELO, 2020).

Outro conceito importante da PHC é a internalização, que descreve o processo pelo qual as interações sociais externas são transformadas em processos internos de pensamento. Isto ocorre quando os processos interpsicológicos (fora do psiquismo) tornam-se intrapsicológicos (dentro do psiquismo), por meio da internalização, indicando que a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem inicialmente no plano social para depois se manifestarem no plano individual. (PRESTES; TUNES, 2012).

O desenvolvimento infantil só pode ser plenamente compreendido considerando-se o contexto histórico e cultural em que a criança está inserida. A singularização da infância denota o desenvolvimento distintivo de cada criança conforme seu contexto cultural específico. Cada sociedade possui normas, valores, práticas e mitos particulares que moldam o desenvolvimento das crianças. (WHITEBREAD; O'SULLIVAN, 2012)

No intuito de passarmos para o próximo tema onde iremos discorrer mais sobre o desenvolvimento infantil, é importante retomarmos que a Teoria da Psicologia Histórico-Cultural, conforme descrito por Pasqualini, (2009), reconhece Vigotski como seu fundador e inclui Leontiev, Luria e Elkonin entre seus principais expoentes.

Esta teoria oferece uma visão do desenvolvimento humano que enfatiza a complexa interação entre o indivíduo, a cultura e a sociedade. Segundo essa perspectiva, a nossa identidade e os nossos comportamentos são profundamente influenciados pelo contexto histórico e social em que estamos inseridos, cada aspecto do nosso ambiente molda quem somos, através da internalização de conteúdos dos quais somos expostos desde a infância.

A seguir iremos discorrer de maneira aprofundada sobre essas características do desenvolvimento infantil, partindo dos princípios teóricos da PHC.

3. DESENVOLVIMENTO INFANTIL ATRAVÉS DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

A infância, entendida como o período inicial do desenvolvimento humano que abrange desde o nascimento até a adolescência, é marcada por mudanças significativas nos aspectos físico, cognitivo, emocional e social. Este estágio é fundamental, pois estabelece as bases para as habilidades e competências que serão desenvolvidas ao longo da vida (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009).

Para a PHC, a infância é compreendida como uma construção histórica e social, sendo um período essencial no desenvolvimento humano, marcado pela internalização dos conhecimentos e práticas culturais. Com base nas ideias de Vigotski, o desenvolvimento da criança ocorre através das interações sociais e do uso de instrumentos mediadores, especialmente a linguagem. (NETO; BARRETO; AFECHE, 1998).

Nesse sentido, a infância não é vista apenas como uma etapa de preparação para a vida adulta, mas como um momento crucial de formação das funções psicológicas superiores, como o pensamento abstrato, a memória voluntária e a atenção concentrada. O processo de aprendizagem é mediatizado por ferramentas culturais, que são transmitidas de geração em geração e internalizadas pelas crianças durante suas experiências da vida. A criança, portanto, é ativa em seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que é influenciada pelo contexto histórico e cultural em que está inserida. (NETO; BARRETO; AFECHE, 1998).

De acordo com Vigotski, 2001, *apud* Tosta, 2012, p. 67 pensando nas funções psicológicas superiores como algo que se originam nas interações sociais, "qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológico) e depois dentro da criança (intrapicológico)". Essa concepção ressalta a importância do ambiente social na formação das habilidades cognitivas e emocionais da criança, o que

tem implicações significativas para a prática pedagógica e para a compreensão da infância como uma etapa formativa, rica e complexa. (TOSTA, 2012).

Segundo Vigotski (2001), durante a infância, diversas mudanças significativas ocorrem no desenvolvimento cognitivo, há um aumento na capacidade de pensamento lógico, no desenvolvimento da linguagem e na habilidade de resolver problemas, que se torna mais evidente à medida que as crianças interagem com o ambiente social. No desenvolvimento emocional e social, as crianças formam vínculos afetivos, desenvolvem empatia, aprendem a entender suas próprias emoções e constroem relações sociais através da mediação cultural. Quanto ao desenvolvimento moral e ético, durante a infância, as crianças começam a compreender conceitos de certo e errado, justiça e moralidade, frequentemente influenciadas por mitos e histórias que refletem os valores culturais e sociais do seu ambiente.

Martin, Abrantes e Facci (2016) em seu livro *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento a velhice*, a partir de uma leitura teórica da PHC, organizam o desenvolvimento infantil em estágios, cada um deles apresenta um conteúdo que pode ser trabalhado. Desta forma entende-se que o desenvolvimento psíquico é marcado por diferentes períodos, cada um deles caracterizado por desafios específicos. Ao contrário de modelos lineares, essa periodização reconhece uma maior complexidade sobre o desenvolvimento humano.

Começando com a Vida Uterina, que corresponde a gestação onde o bebê está em formação, temos o início do seu desenvolvimento fisiológico e conseqüentemente, as condições primárias para a formação do seu psiquismo, Martin, Abrantes; Facci (2016, p. 94) trazem que:

O sistema orgânico está sendo formado, e desde o início o seu funcionamento está submetido às condições sociais da gestante, expressão do movimento dialético entre organismo e cultura, ou entre o feto e as condições de vida da mãe.

Após a gestação temos o Período Pós-Natal, onde os processos psíquicos do bebê se complexifica à medida que ele opera através dos laços afetivos com adultos, a comunicação emocional direta, é o principal desafio deste momento, portanto se faz necessário que o adulto estimule os primeiros contatos e experiências do bebe com o mundo externo. (MARTIN; ABRANTES; e FACCI, 2016).

Na Primeira Infância, que acontece entre a idade de 1 a 3 anos, a criança começa a interagir com o mundo ao seu redor, inicialmente através de relações emocionais e posteriormente desenvolvendo habilidades motoras e cognitivas básicas. A interação com adultos e o ambiente social é crucial para o desenvolvimento das funções psicológicas iniciais como a percepção, memória e linguagem. (MARTIN; ABRANTES; e FACCI, 2016).

Para Martin, Abrantes e Facci (2016) na Idade Pré-Escolar, que acontece dos 3 a 7 anos, a brincadeira se torna uma ferramenta importante para a representação de papéis sociais, nela as crianças se espelham nas ações de adultos e tentam reproduzi-las através dos objetos que elas possuem. Leontiev (1988, p. 125) complementa, afirmando que a brincadeira para a criança surge “a partir de sua necessidade de agir em relação não apenas ao mundo dos objetos diretamente acessíveis a ela, mas também em relação ao mundo mais amplo dos adultos”, indicando assim a internalização dos significados do mundo que a cerca.

Ao chegar na Idade Escolar entre 7 a 12 anos, a criança, se insere no convívio escolar, ela passa a enfrentar desafios cognitivos mais complexos, e sua internalização do conhecimento cultural e científico por meio da educação formal é o foco dessa etapa, promovendo o desenvolvimento de funções psicológicas superiores como o pensamento lógico. (MARTIN; ABRANTES e FACCI (2016).

A partir da idade dos 12 anos, os autores argumentam que a criança entra no período da adolescência, como nosso maior foco é na infância, não iremos nos adentrar muito nesses períodos que a “sucedem”, porém é importante reforçar que o desenvolvimento psíquico não ocorre de maneira linear, cada período representa uma reorganização das funções psíquicas, influenciada pelo contexto social e histórico do indivíduo. As transições entre esses períodos não são necessariamente suaves ou previsíveis os indivíduo podem enfrentar regressões ou saltos no desenvolvimento em resposta a mudanças em seu ambiente social ou em suas próprias necessidades internas.

Um conceito muito importante quando pensamos no desenvolvimento infantil na PHC é da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que representa a diferença entre o que uma pessoa consegue realizar sozinha, através do seu nível de desenvolvimento atual e o que ela pode realizar, com o auxílio de uma outra pessoa. A Zona de Desenvolvimento Real (ZDR) refere-se às capacidades que uma pessoa pode desempenhar de forma independente, sem ajuda externa. Este é o nível de competência

atual da pessoa. A Zona de Desenvolvimento Proximal é o espaço entre o que uma pessoa pode realizar sozinha e o que pode alcançar com a ajuda de um mentor ou uma pessoa mais experiente.

Esta mediação do adulto para com a criança é um fator essencial no desenvolvimento. As interações sociais e culturais, assim como as ferramentas culturais, desempenham papéis fundamentais no processo de aprendizagem. Os mitos e histórias são exemplos de tais ferramentas, pois transmitem valores, conhecimentos e práticas culturais que ajudam a moldar a compreensão que as crianças têm do mundo ao seu redor. (COLE, 1996).

A seguir vamos discorrer sobre como o uso de narrativas impactaram as culturas durante o decorrer da nossa história e como elas ainda possuem um papel importante tanto em uma esfera microssocial, em que podemos pensar no desenvolvimento singular de cada criança e suas particularidades, como em uma esfera macrossocial onde vemos essas histórias moldando pensamentos que atravessam grupos sociais e impactam amplamente a cultura ao seu redor.

4. INTERNALIZAÇÃO CULTURAL: O PAPEL DOS MITOS E HISTÓRIAS NO CRESCIMENTO PSICOLÓGICO

Quando pensamos na palavra mito, associamos logo as histórias de deuses antigos, como as dos famosos olímpianos que constituíam o panteão Grego, cultuados até hoje por algumas pessoas, porém segundo Lima (2011, p. 1), “A palavra mito, até os séculos IV e V a. C., tinha um peso diferente do que damos a ela hoje. Sua origem, do grego *mythos*, tem como significado narrar, contar, anunciar, a partir desta definição podemos considerar mito como uma forma de narrativa.

Uma narrativa consiste em um conjunto de signos, Squire (2014, p. 273,) sugere que “Esta definição significa que narrativas podem implicar conjuntos de signos que se movimentam temporalmente, causalmente ou de alguma outra forma socioculturalmente reconhecível”, o que reforça o pensamento de que mitos e histórias podem desempenhar um grande papel no desenvolvimento infantil, sendo que através dos signos apresentados nessas narrativas, a criança internalize significados e conceitos de como a sociedade opera.

É importante frisar que ao considerarmos essas histórias como signos mutáveis, percebemos a capacidade delas se transformarem de acordo com o contexto histórico

onde ela está inserida, criando a possibilidade para a mesma história ser contada de maneiras diferentes e conseqüentemente transmitir mensagens diferentes de acordo como a narrativa se desenvolve.

Por meio de uma leitura da teoria desenvolvida por Vigotski, que analisa como as práticas culturais e as relações sociais formam a mente humana, podemos refletir sobre o uso de narrativas e mitos como uma ferramenta de ensino, para a formação da consciência e das funções psicológicas superiores.

Seguindo esse mesmo pensamento, seria necessário contextualizar a discussão sobre a mitologia dentro de uma análise das práticas culturais e sociais e seu impacto no desenvolvimento humano, conforme proposto por Vigotski. VIGOTSKI, (2001); ZINCHENKO; ARIEVITCH; (2007); GRAVES, (2017). et al., (2024).

A prática de contar histórias acompanha o ser humano desde os tempos mais antigo, haja visto que, quando contamos uma história não nos limitamos a reproduzir somente experiências passadas, pois a partir da nossa imaginação podemos criar algo que não foi vivido diretamente, portanto ao contar uma história, cria-se a possibilidade dela afetar diretamente a maneira como pensamos, agimos, imaginamos e até mesmo nos relacionamos uns com os outros, isso acontece através de como o indivíduo singulariza essas histórias. (SILVA, 2006)

Para exemplificar o poder de uma narrativa na esfera macrossocial, podemos citar a Grécia Antiga, representado por uma sociedade politeísta, em que os deuses cultuados na época deram origem a famosa Odisseia, uma obra escrita pelo poeta Homero, que tem como principal fator contar histórias de aventuras expondo como os deuses se relacionavam entre si e com os humanos, ao examinarmos mais de perto esta obra, percebemos o quanto o comportamento dessas figuras de divindade se assemelhavam ao comportamento humano e ao modo de pensar da sociedade onde elas estavam inseridas.

O homem criou o panteão de seus deuses e, observando os olimpíadas, ocorreu um fenômeno contrário ao apresentado na Bíblia: o grego criou os deuses a sua imagem e semelhança. Diferindo do padrão de deus único, bondoso e justo dos judeus (e, depois, do cristianismo), as deidades gregas apresentavam as mesmas características dos mortais: eram vingativas, violentas, sábias, libidinosas, entre outros atributos. (MARTINS, 2013, p. 2)

Ao analisarmos mais de perto a mitologia grega antiga, podemos perceber uma transição através de narrativas que mostram o declínio das divindades femininas e a ascensão das divindades masculinas. Um exemplo claro dessa transição pode ser observado na mitologia envolvendo Zeus e Métis. Métis, uma titânide associada à sabedoria, foi a primeira esposa de Zeus e estava destinada a dar à luz uma criança que seria mais poderosa que o pai. Para evitar essa ameaça, Zeus engoliu Métis, simbolicamente internalizando seu poder e sabedoria, e posteriormente deu à luz Atena de sua própria cabeça. Esse mito ilustra o movimento da sabedoria e poder do domínio feminino para o masculino, marcando a transição do matriarcado ao patriarcado. (NASCIMENTO, 2011).

Outro exemplo relevante é o mito de Gaia, a Mãe Terra, que inicialmente era uma das divindades mais poderosas do panteão grego, representando a natureza e a fertilidade. No entanto, com o tempo, seu poder é gradualmente suplantado por deuses masculinos como Urano, Cronos e, finalmente, Zeus. Este último consolida o domínio masculino ao tornar-se o líder indiscutível dos deuses, representando a ordem patriarcal que passa a predominar na sociedade grega. Graves (2017, p. 92) observa que "os mitos gregos frequentemente retratam a derrota e subjugação das deusas, o que reflete a substituição do antigo sistema matriarcal por um patriarcado emergente." Essa transição mitológica espelha as transformações sociais que ocorreram na Grécia antiga, onde a organização social e o poder político passaram a ser dominados por figuras masculinas, deixando para trás as antigas estruturas matriarcais que prevaleciam em culturas anteriores.

Esses mitos apresentados, sempre carregam consigo diferentes versões, entretanto, é interessante pensar em quais deles ganham mais destaques na sociedade e quais ideais eles trazem. As versões mais conhecidas das aventuras dos deuses do olimpo, carregam consigo um pensamento de soberania da figura masculina e que apesar de algumas histórias mostrarem algumas figuras femininas com destaque, essas aventuras quase sempre ocorrem à volta de uma figura masculina.

A Mitologia Grega destaca na gênese das deusas a predominância da valorização do masculino sob o feminino, quando afirma que até Minerva a deusa que representa a inteligência e o pensamento, contudo, diz a mitologia grega que esta deusa não nasceu do corpo de sua mãe, mas da cabeça de seu pai, Zeus. O que evidencia desde a mitologia até os dias atuais há a

submissão intelectual da mulher em relação ao homem e sua desvalorização enquanto ser pensante. (MARCELINO, 2009, p. 4)

Partindo dessa analogia, é interessante pensar como a sociedade se relaciona com esses mitos e ressignificam a maneira que avança e discute sobre significados e conceitos presentes nesses mitos e histórias. Trouxemos mitos antigos para exemplificar o poder de uma narrativa, porém com o passar das gerações, as narrativas ganharam novos nomes como fábulas ou conto de fadas, e aí é novamente interessante indicar que essas histórias estão carregadas de signos, signos estes construídos pelas gerações anteriores, muitas vezes com o intuito de apresentar alguma lição de moral ao final das histórias.

Quando mencionamos a fábula “A formiga e a cigarra”, conseguimos explorar como essa narrativa pode vender um conceito potencialmente nocivo de meritocracia por meio das entrelinhas da história. De maneira resumida a formiga passa o verão trabalhando arduamente, para que no inverno ela possa desfrutar dos resultados do esforço, enquanto a cigarra que não trabalhou durante o verão ficou desamparada no inverno, o que a leva a trabalhar no próximo verão para se preparar para o próximo inverno

A moral mais utilizada nesta fábula é sobre a importância do trabalho árduo para alcançarmos bons resultados no futuro, o que de fato pode estar correto, porém ao analisarmos mais a fundo, correlacionado a moral desta fábula com o modo de vida da nossa sociedade, podemos questionar a ideia intrínseca de que contanto que você trabalhe arduamente agora, no futuro você irá colher bons resultados ou será recompensado de alguma forma pelo seu esforço individual.

Fernandez (2015, p. 3) postula que “supostamente vivemos em uma meritocracia perfeita onde aquele que serve, quem é bom, triunfa. Ao menos esta é a mensagem que costumamos ouvir frequentemente no espaço público.” Porém ele argumenta que a ideia de que posições hierárquicas são conquistadas com base no mérito individual, que podemos comparar com o trabalho árduo apresentado na fábula, é algo que não condiz com a nossa realidade, portanto essa meritocracia perfeita em sua essência, não existe, além disso ela é usada para justificar uma opressão sistêmica, onde o sujeito é sempre o culpado pelo seu fracasso.

Em uma concepção marxista e vigotskiana, apresentar para uma criança uma narrativa de que contando que ela trabalhe arduamente, no futuro ela será recompensada, pode ser algo potencialmente nocivo tanto para o seu desenvolvimento, quanto para a sua vida adulta. Sendo mais crítico, podemos pensar que vender esta narrativa beneficia para que o modo capitalista se sustente, visto que é preciso que uma grande parcela da população se esforce e trabalhe diariamente, enquanto uma pequena parcela que possui os meios de produção receba os lucros desse esforço.

Como já foi exposto anteriormente, uma narrativa é um conjunto de signos, e eles são mutáveis, com o avanço das tecnologias, novas mídias foram criadas e que servem como ferramentas para espalhar esses signos, uma das formas mais populares é o cinema, que vem ganhando a atenção de uma grande parcela da sociedade, alcançando um grande número de pessoas.

Referindo a uma obra cinematográfica popularmente conhecida, podemos ver no filme *Shrek* subverter alguns tropos de narrativa, trazendo personagens com características muito conhecidas em contos de fadas e fábulas e os transformando em algo novo, levantando questionamentos críticos e acrescentando de maneira lúdica e cômica representações importantes que são capazes de iniciar diálogos.

se a incorporação dessas novas figuras, antes inexistentes nesse gênero cinematográfico, se dá muito em função de uma necessidade desses sujeitos de se verem representados, a sua presença nos filmes passa a também agir nas formas de pensar da sociedade. (MAIA, 2013, p.2)

Nos filmes *Shrek* é interessante perceber a diversidade de personagens, existem muitas figuras masculinas nesta história e cada um dele apresenta um comportamento diferente, muitas vezes esses comportamentos contrariam os estereótipos de masculinidade a muito imposto e estruturado em nossa cultura, trazendo a tona novas questões e iniciando novos diálogos sobre masculinidade.

Outra questão importante sobre estes filmes é a presença de personagens transgêneras, conhecidas como Dóris e Mabel. Maia (2013) argumenta que embora essas personagens não desempenhem um papel de muito destaque e que infelizmente aparecem de forma estereotipada, a simples presença delas nessa narrativa promove debates, possibilitando mais visibilidade para discussões importantes sobre gêneros,

“tem pelo menos o mérito de iniciar um diálogo que pode dissolver a si mesmo pela dinâmica dos conflitos sociais”. (LOPES, 2006; p. 382).

A introdução de novas representações é de extrema importância, Maia (2013, p. 8) sublinha que “o fato de essas representações estarem presentes em produtos destinados às crianças tem a função, também, de fazer com que elas consigam lidar com o diferente, e de suscitar o diálogo dentro das próprias famílias”, logo é uma forma de normalizar a diversidade de existências e promover uma internalização positiva, onde o que por muitos agora é considerado diferente, poderá se tornar comum para as futuras gerações.

Pacheco (2024, p. 21) alude que “os aspectos implicados na contação de histórias revelam o potencial infantil de interpretar, pensar, sentir e atuar sobre a realidade, transformando-a por meio da criação”, o que casa com o princípios teóricos da Psicologia Histórico-Cultural sobre a criança ser um ser agente no seu desenvolvimento, ao mesmo tempo que essas narrativas afetam essas crianças, elas também as afetam e até mesmo modificam, participando e criando novas versões de histórias, sendo assim, podemos também atribuir o estímulo da criatividade nas crianças à prática de contação de histórias.

Desde a mais tenra idade, a contação de histórias é uma prática cultivada nas mais diversas culturas e como ouvintes das histórias compartilhadas pelos adultos, a criança constrói mundos ficcionais. Por meio da narração de mitos e histórias, as crianças internalizam os valores culturais, as normas sociais e os significados simbólicos de sua cultura influenciando o seu desenvolvimento psicológico. (ALMEIDA PACHECO, et al, 2024).

É válido destacarmos que ao falarmos da infância, é importante considerar os períodos de desenvolvimento, já citado anteriormente, e o que pode ser trabalhado em cada um deles. Em se tratando das narrativas, podemos ver o quanto ela é uma ferramenta versátil de exposição cultural, criando a possibilidade de construir e apresentar uma história que se encaixe melhor com cada período da infância, visto que em muitos deles essa exposição acontece de maneiras muito lúdicas de acordo com o desenvolvimento psíquico da criança.

Por fim, a singularização da infância é um conceito que se alicerça na Teoria da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, que postula a indissociabilidade do desenvolvimento infantil do contexto social e histórico. Como já discutido, o

desenvolvimento das funções psicológicas superiores – como o pensamento, a linguagem e a memória – é mediado culturalmente, é aí que as narrativas surgem como uma ferramenta de aprendizagem, no qual podem ser utilizada para diversos fins, como exemplificado na Grécia Antiga com transição de sistemas matriarcais para a perpetuação do patriarcado.

Os mitos, histórias e narrativas como elementos culturais, desempenham um papel crítico na mediação desse desenvolvimento. Eles não apenas entretêm, mas também servem como ferramentas pedagógicas que transmitem conhecimentos culturais e valores sociais. Por meio dessas narrativas, as crianças absorvem os significados simbólicos da sua cultura, que influenciam suas percepções, atitudes e comportamentos. (NETO, et al., 1998).

Nesta ótica, as narrativas culturais atuam como mediadores que auxiliam as crianças a construir significados e compreender o mundo ao seu redor, influenciando suas percepções, atitudes e comportamentos. Por meio da participação ativa em práticas culturais, as crianças não apenas assimilam os valores e normas de sua sociedade, mas também contribuem para a recriação e transformação desses valores. Construindo assim uma relação dialética entre as narrativas e a infância. (OLIVEIRA, 2006).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos estudos realizados, foi possível compreender como a PHC consegue explorar o poder e papel das narrativas culturais no desenvolvimento infantil, destacando sua relevância não apenas na reprodução de padrões culturais, mas também como potencial instrumento de transformação social. Partindo da premissa de que o desenvolvimento humano é intrinsecamente mediado por práticas culturais e as interações sociais, identificou-se que as narrativas culturais desempenham um papel crucial na formação da subjetividade e da identidade infantil.

As análises realizadas revelaram que essas narrativas, ao serem apropriadas pelas crianças, não apenas refletem os valores e normas de uma determinada cultura, mas também oferecem possibilidades de resistência e subversão das estruturas estabelecidas, visto que as narrativas não estão cristalizadas no tempo, elas sempre sofrem impactos diretos do período histórico e da cultura onde estão inseridas, abrindo uma janela na qual a criatividade se aflora para a criação de diferentes interpretações e reconstruções sobre uma mesma história.

Nesse sentido, o trabalho destacou a importância de uma abordagem crítica na análise das narrativas culturais, capaz de captar suas múltiplas dimensões e implicações. Essa perspectiva possibilita a construção de práticas pedagógicas que não se limitam à mera transmissão de conhecimento, mas que promovem uma educação para a diversidade, abrindo espaço para a criatividade e promovendo a organização de conceitos para a construção de novas narrativas e novas formas de se pensar.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1994.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

DE ALMEIDA PACHECO, Hallana Fernandes; DE SOUZA COSTA, Marina Teixeira Mendes; SILVA, Daniele Nunes Henrique. POR QUE CONTAR HISTÓRIAS?. **Cadernos de Educação**, n. 68, 2024.

PACHECO, H. F. A.; COSTA, M. T. M. S.; SILVA, D. N. H. **Por que contar histórias?: Um estudo sobre a imaginação e a criação infantil a partir da Teoria Histórico-Cultural**. **Cadernos de Educação**, n. 68, p. 26 jan., 2024.

FERNANDEZ, A; FERNANDEZ, A. **Meritocracia e desigualdade**. *Derecho y cambio social*, n. 42, p. 1-15, 2015.

GRAVES, R. **Os mitos gregos**. 11. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2017.

LEONTIEV, A. N. **Problemas del desarrollo del psiquismo**. Buenos Aires: Universitária, 1967.

LEONTIEV, A. N. **Atividade, consciência e personalidade**. Buenos Aires: Ciencias del Hombre, 1978.

LUKÁCS, G. *Estética I: La peculiaridad de lo estético*. Barcelona; México, DF: Grijalbo, 1967.

LURIA, A. R. **Cognitive Development: Its Cultural and Social Foundations**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MAIA, R. S. ****A diversidade de gênero e o avesso dos contos de fadas no cinema: reflexões contemporâneas****. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero*, v. 10, 2013. Disponível em: <https://www.fazendogenero.com/seminario2013/anais>. Acesso em: 11 set. 2024.

MARCELINO, E. R. **O sagrado e o profano: o princípio fundamental da igualdade na etnologia de gênero**. p. 1-13 2009 Disponível em: <<https://jusmilitaris.com.br/sistema/arquivos/doutrinas/sagradoprofano.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2024.

MARTINS, M. A. S. **A Odisséia de Ulisses: o homem e o mito resumo**. p. 1-9 2013 Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12786028/a-odisseia-de-ulisses-o-homem-e-o-mito-resumo>. Acesso em: 23 set. 2024.

MELO, J. F. de et al. Teoria histórico-cultural: contribuições para a prática psicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**, v. 37, n. 114, p. 353-365, 2020.

NASCIMENTO, C. L.; BORGES, D. L. A sabedoria dos mitos gregos. **Revista Angelus Novus**, p. 194-199, 2011.

NETO, C; BARRETO, L. S. M; AFEICHE, S. C. A formação social da mente: Vygotsky, Psicologia e Pedagogia: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. **Psicologia**, v. 153, p. V631, 1998.

OLIVEIRA, M. C. S. L. de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em Estudo**, v. 11, p. 427-436, 2006

PACHECO, H. F. de A; COSTA, M. T. M. de S; SILVA, D. N. H. Por que contar histórias? : Um estudo sobre a imaginação e a criação infantil a partir da Teoria Histórico-Cultural. **Cadernos de Educação**, n. 68, 26 jan. 2024.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PASQUALINI, J. C; MARTINS, L. M. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia e Sociedade**, v. 27, p. 362-371, 2015.

PASQUALINI, J. C. A PERSPECTIVA HISTÓRICO-DIALÉTICA DA PERIODIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n.1, p. 31-40, jan/mar. 2009.

PRESTES, Z; TUNES, E. A trajetória de obras de Vigotski: um longo percurso até os originais. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 29, p. 327-340, 2012.

SILVA, F. G. da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 28, p. 169-195, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jul. 2024.

SQUIRE, C. O que é narrativa?. *Civitas: revista de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 272–284, 2014. DOI: 10.15448/1984-7289.2014.2.17148. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/17148>. Acesso em: 23 set. 2024.

TUPPER, D. E. V, Luria e *a Abordagem Histórico-Cultural à Psicologia Cognitiva e à Neuropsicologia*. In: **Neurociência Cultural Clínica: Uma Abordagem Integrativa à Neuropsicologia Transcultural**, p. 32, 2019.

TOSTA, C. G. **Vigotski e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Perspectivas em Psicologia**, v. 16, n. 1, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A imaginação e a arte na infância**. São Paulo: Ática, 1998.

WHITEBREAD, D; O'SULLIVAN, L. Brincadeira de faz de conta social de crianças pré-escolares: apoiando o desenvolvimento da metacomunicação, metacognição e autorregulação. **International Journal of Play**, v. 1, n. 2, p. 197-213, 2012.

YASNITSKY, A; FERRARI, M. De Vygotsky à psicologia vygotskiana: Introdução à história da escola de Kharkov. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 44, n. 2, p. 119-145, 2008.

ZINCHENKO, V; ARIEVITCH, I. Cultural-Historical Psychology: Contributions of L.S. Vygotsky and A.R. Luria to a Theory of Human Development. In: R. A. Shweder; S. D. Sullivan (Eds.). **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ZINCHENKO, V. P. **Cultura e desenvolvimento humano: uma leitura histórico-cultural**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Beatriz Dacanal Pereira da Silva: Autora

Erick Henrique Bozzano de Souza: Autor

Isabela Marques Rocha: Autora

Ronaldo Pereira Barboza: Orientador